



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

SSS

Autor(es)

---

FELIPE MARCONDES DA COSTA

Contos / Cricas

---

*sou meu filho,  
meu pai,  
minha mãe,  
e eu mesmo.*

**Artaud**

Acordei me sentindo mais estranho que o normal. Estive mais tenso do que quando não era nem criança nem adulto e mais vazio do que quando não criava. Será talvez por que ultimamente não escrevi nada, somente reescrevi?

O que planejamos para somente uma noite deu errado e o pacto de sangue ou de alma ou de esperma – pouco importa, não foi a sério – que fizemos tomou outras proporções. Eu estava doente, você condolente. E você me incomodou, mas sua ausência incomodou igualmente. Acordei mais uma vez desejando ser vítima do inevitável eterno retorno.

Essa perturbação passou a obsessão rapidamente. Todos os perturbados estão e estiveram em busca. Os que tentaram solitariamente em geral foram esquecidos, talvez por terem alcançado seu objetivo e não necessitarem de lembranças. Em outra época foi possível chegar lá, mas a verdade é que faltavam guias, portanto só restava a solidão para forjar o caminho. Hoje os guias se encontram aos montes, mas o local já se tornou inalcançável, apenas resta a solidão, e os que insistem acabam inevitavelmente sendo tomados por loucos.

Fui te procurar na Saúde e na doença e no Piqueri e no Mandaqui e no Campo Belo e no centro velho e no Campo Limpo e nos Jardins da selva de pedra – epíteto desnecessário pois já está claro a cidade à qual me refiro – e na Liberdade e no Carandiru e no Paraíso e no metrô em horário de pico e na Consolação e na Zona Leste e nas da Augusta e nas imediações do Jóquei e no Tremembé e no mal me quer e na Catedral da Sé e na puta que te pariu e na casa do caralho e na Casa das Rosas. Definitivamente, a estética da letra minúscula não é para mim.

Universalmente vivemos nossas tragédias kafkianas particulares. Há que se recomeçar reconhecendo isso. Se penso em um peixe posso visualizá-lo: ele é vermelho, pequeno e célere, apesar de um pouco rechonchudo. Sou capaz de descrever melhor o peixe o imaginando que se o estivesse de fato o vendo. Ao mesmo tempo em que concebo sua imagem, sei também o quão o alcance de sua memória é limitado.

Meus infortúnios se devem especialmente ao fato de eu não ser peixe. Sequer sei nadar, mas tenho memória. Não invento, só não esqueço. A lembrança implacável ataca os humores, renovando os equívocos de um instante descontínuo. Projetei algo para a vida e, uma vez impossível de estendê-lo vida afora, esse algo permeia minha existência em lembrança e sonho, o que no final dá no mesmo. É assim: enquanto estamos diante das coisas não as vemos. Só mais tarde, absurdamente, sabemos apenas o que fizemos, muitas vezes sem a dimensão do potencial de alcance desses atos. Ver as coisas, possuí-las e ser apanhado por elas.

O que vem aí? Algo que se vai... Não gosto de expectativas. Tento não alimentá-las em mim. Em meu trabalho, não viso quebrar as expectativas, mas deixá-las em suspenso. Não há síntese e, se houver, é irônica, provocativa. Há devir. Se eu fizesse um filme pornô ele antes faria brochar. Seria ainda um pornô? Não sei. Se não, seria ainda filme. Ou nem isso também, não sei.

Pois sem o instante de inspiração, sobra um tanto de piração. Por vezes encontro alguém que não vejo há tempos e esse alguém logo me pergunta "e então, continua escrevendo?", o que comprova que: essa pessoa me reconhece como escritor, que ela não me acompanha e que carrega a convicção de que ora ou outra assumirei o fracasso e desistirei disto. Mas ainda persisto. Afinal, o que mais eu poderia estar fazendo? Se depender do gerundismo da frase anterior, poderia estar trabalhando com telemarketing, o que não

---

é muito melhor do que fazer o que faço.

Eu, na verdade, queria trabalhar para nada, na verdade, queria ser mudo, na verdade, queria órgãos artificiais, na verdade, queria um acerto justo, na verdade, queria uma vida sem arrebatamentos, na verdade, queria não ter passado, na verdade, queria ser monóxido de carbono, na verdade, não sei o que queria, na verdade. Eu, na verdade, minto descaradamente. Ah, mas por que falar isso? Verdade, não importa, são tantas falsetas.

Só que não posso simplesmente disfarçar colocando a mão nos bolsos, assoviando para o alto e transparecendo desinteresse, pois não sei assoviar. Na verdade, nunca soube. Sempre que tento sai um sopro quase mudo, impotente, que não vai longe e não lembra em nada as melodias que nos põem alegres ou melancólicos ao primeiro reconhecimento. De fato, constato minha inaptidão para essa possibilidade musical de ordenar o caos de seguidos agoras. Até o vento assovia, mas o meu não se propaga, talvez pelo vácuo em que vivo. Meu assovio mais se assemelha a um chiado intermitente que visa prevenir sobre algo que não está bem. Não invejo os que são dotados dessa incrível capacidade, antes silêncio para apreciar melhor a incrível capacidade de soprar sensações pelos quatro ventos. Mas caso alguém se disponha a observar quase ao acaso minha expressão poderá reconhecer a tentativa e supor de meu ato um assovio. E confesso que esse reconhecimento seria mais bonito que o reconhecimento da beleza do próprio assovio em si.

Quanto à busca, se encontrei o que procurava? Nem me lembro, na verdade, o que posso dizer é que a vontade passou, então voltei a dormir.

Felipe Gump